

## GRANDES CENAS / MONTAGEM

### EPISÓDIO 01: PIXOTE

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Pedro Sócrates, pai Júlio, mãe Ambrósia, 15 anos, Vila Tucumã, confere?
- Tá limpo.
- Diego Emanuel, 13 anos, mãe Carolina dos Anjos, pai desconhecido, Parque Água Branca, sem número, confere?
- Confere.
- João Henrique, 10 aos, rua Lava-pés 35, fundos, Maria Ribeiro da Costa, pai desconhecido, confere?
- Meu pai morreu.
- Pai desconhecido, confere?
- Confere.

[APRESENTADOR]

BABENCO

o filme começa, ahn, com a proposta, velada obviamente, nunca as coisas explícitas me interessaram, de que uma família se forma na rua, né, com uma mãe, um pai e seus filhos, e funcionam dormindo em qualquer lugar, debaixo de qualquer viaduto. (/) E essa era a minha ideia da, do filme, sair de um grupo enorme de pessoas que fogem de uma instituição, formam uma família para sobreviver, porque sozinhos eles ficam atormentados, perdidos. (/) E essa família começa a funcionar, começa a provocar delitos...

- Pega ladrão! Pega ladrão!

BABENCO

E a minha intenção quando escrevi o filme era de mostrar que essa família não sobrevive. Que, um a um, eles vão sendo aniquilados. Né, e que eles não têm condições de sobreviver na

sociedade porque não estão preparados pra isso. A sociedade os expulsa e eles não têm como ingressar em nenhum campo. Né, e, e... e as mortes vão sendo documentadas, no final fica ela e ele. Ela já o trata como o homenzinho (/) dela, (/) porque ela também não consegue viver sem um homem, ele tem 12 anos, 10, 12, 13, ainda é um, é um, é um menino, é um bebezão.

[APRESENTADOR]

BABENCO

Recebi tarde à noite um telefonema de uma criança a pagar, de Diadema: "Aqui é uma ligação a cobrar de Diadema, o senhor aceita?" Eu falei: "Diadema, caralho? Eu não conheço ninguém em Diadema", Diadema é uma periferia de São Paulo (/) E aí (/) eu digo: "Claro." Eu atendo, ele disse: "Aqui é o Fernando Ramos da Silva", eu digo: "Quem você é?", eu fiquei um pouco nervoso, ele disse: "Olha, eu sou um dos meninos que está ensaiando lá no teatro, e a produção tá me dando dez cruzeiros pra ir e voltar e meu irmão me roubou o dinheiro, e eu não tenho como ir até lá amanhã." Eu disse: "Você quer continuar fazendo o que você tá fazendo lá?" Ele disse: "Eu quero muito. Porque minha irmã trabalha, ahn, de faxineira num teatro, e uma vez eu tava gripado, e ela me levou, com muita febre, e eu fiquei vendo o que as pessoas faziam no palco, e eu falei: Eu quero fazer isso!" Puta, quem resiste a isso? Eu fiquei louco quando ouvi aquilo.

BABENCO

E eu olhei pro menino: um pirralho de 8, 9 anos, subnutrido, né, com uma cara de tristeza, parecia um homem de 80 anos, o olhos chanfrados pra baixo, assim. (/) E no final ficamos entre ele e um menino pretinho que era uma graça, (/) aquela criança que você olha e já quer levar pra casa. E olhava pro Fernando... Ninguém quer levar o Fernando pra casa. Porque é um... É a história da tristeza universal na cara dele, né, e o outro pretinho era uma espécie de Grande Otelo em miniatura, né? E todo mundo, assistente, fotógrafo, o Clóvis Bueno, todos apaixonados pelo pretinho. E eu, como bom melancólico, angustiado, ah, vou escolher o triste. Que acho que o triste me conta mais do que o outro. Um me, um me dá alegria de estar vivo e outro me dá a perplexidade de ter que sobreviver e não saber como.

[APRESENTADOR]

BABENCO

Várias vezes me encontrei com alguns psiquiatras especializados em neonatos, né, em psiquiatria de parto, ant, anterior, da, durante a gestão e pós-gestão, e eu est, obtive algumas informações que crianças que não eram desejadas durante a gravidez, e que foram abandonadas depois no parto, em ocasiões de grande stress, de grande tensão emocional, podem ter regressões fetais, e realmente só se acalmam com a sucção do peito. Aquilo me pareceu fascinante, e eu guardei dentro de mim, pensando, como o maluco que eu sou, de obviamente utilizar isso alguma vez em algum filme. Eu jamais pensei em utilizar isso no

Pixote, isso que é o mais curioso: é que eles fizeram, o que eu tinha ouvido muitos e muitos anos antes, e que eu nunca comentei com eles, nem estava escrito no roteiro.

BABENCO

Foi um trabalho de fecundidade recíproca, né, o roteiro não nasceu, como se fosse um objeto esterilizado. O roteiro é uma figura viva, uma entidade, né, que você tá trabalhando com o ator e aqui você tá, tá havendo... um re, um encontro, né? E eu não preparei as crianças pra uma cena, eu preparei pra eles serem personagens e contarem uma história.

BABENCO

E eu tinha escrito no roteiro, está escrito na página: de que ele vomitava, ela o recolhia, o acalmava, no colo, ninando um pouco, e aí ele ia embora. O que nós não contávamos era que a Marília, ao abraçá-lo, o que estava no roteiro, se você analisar a cena de novo há um momento em que ela o abraça, e há o momento em que ele faz assim, e olha pra ela. Aí ele desce o olhar, e tem os três botões do vestido dela, por coincidência. E ele vai com a mão, abre um botão, abre um botão... E aqui está a genialidade da Marília Pera: ela pega o seio dela, como se amamenta um bebê, com os dois dedos, colocando o bico pra fora, e ele se prende e começa a sugar naquilo. E aquilo provoca uma revolução. Porque a Marília Pera já tinha... (eu não consigo nem falar disso...) Porque a Marília Pera numa cena anterior tinha feito um, um, um, um aborto com uma agulha de tricô... que eu escrevi isso, obviamente. Porque eu queria que ela fosse uma mulher que precisasse de um filho, porque ela tinha matado um filho. E ela pega essa criança como um filho e depois de um certo tempo ela se enjoa daquilo.

- Me larga, Pixote, eu não quero.

BABENCO

Ela tem asco daquilo, e ela o expulsa. E isso não tava no roteiro, o "Vai embora! Vai embora! Não sou a tua mãe!" não tava no roteiro. (/) E aí ele, ela o joga fora, ela o humilha, ela o rejeita da vida dele. Tanto assim que no final, (/) ela mantém o olhar pra ele como dizendo: "Vai embora." E ele vai até a cômoda, que não estava no roteiro, que o Fernando improvisou, e ele pega uma arma que estava lá, (/) que eu não sei por (/) que cargas d'água ficou em cima daquele armário, que eu não tinha visto. E ele pega aquela arma e nesse momento ele se transforma num menino. Ele sai de criança pra menino, pra adolescente. Ele levanta a blusinha dele, minúscula, ele coloca aquele revólver, e sai.

BABENCO

Essa é a construção da cena, né. Eu me lembro que quando a cena começou a acontecer, eu olhei pro, pro boom man e o técnico de som, que era o Luiz Gama, (/) e ele chorava feito uma criança, o cara do boom não conseguia se conter, o queixo dele batia, clac-clac-clac. O cara do som tava segurando o soluço, segurando o so, era um silêncio absoluto. Fizemos acho que

umas duas vezes, acho que na terceira a gente, ninguém aguentava mais, e a gente teve que parar o dia de trabalho. O cansaço foi tão grande, tão generalizado, tão desnecessariamente explicado que, terminando, todo mundo guardou seus instrumentos e cada um foi pra casa. E não era o que estava no colchete, não era o que estava programado. Tínhamos cenas pra filmar. Mas foi uma coisa assim... extenuante, realmente, extenuante. Então, esta cena não é minha, ela, eu a provoquei. Esta cena é do Fernando e é da Marília, que não estão mais vivos, e que tiveram uma sintonia, uma entrega, um... uma reciprocidade, uma... Aquilo que raramente acontece entre atores, né, uma cumplicidade sem palavras que, até o dia de hoje, eu acho que foi uma coisa sublime, que é uma palavra muito difícil de ser usada por um ateu como eu, mas foi uma coisa assim, quase que... Sei lá, foi um ritual, foi uma coisa meia mágica que aconteceu aí. Que eles me entregaram, que eles me deram, pra que o meu filme se transformasse numa coisa que as pessoas não esqueçam.

[CENA]

- O quê que você tem, Pixote? Pixote...

- Passou... Passou... Não fica assim, vem comigo, vem. Não fica assim, não. Fica assim não, Pixote. Calma. Pronto. Sueli tá aqui, viu? Já passou, já passou...

- Melhorou? Melhorou? Hum?

- Mama, meu filhinho. Mamãe tá aqui com você, viu?

- Me larga, Pixote.

- Me larga, Pixote, eu não quero. Tira essa boca suja de cima de mim. Eu não sou sua mãe. Ouvia? Eu não sou sua mãe. Eu não quero filho. Eu odeio criança. Vai viver a tua vida. Cada um se vira como pode. Some!

- Vai.